



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.dfg@dabr.com.br

A partida de Nelson

Para homenagear Nelsinho Rodrigues, que nos deixou ontem, evocaré uma história dele com o pai, de quem herdou a paixão pelo Fluminense. Nelson Rodrigues nunca teve problemas em falar sobre a morte. Ela sempre esteve colada em seu corpo e ele jamais se esquivou de encará-la em crônicas, contos, peças ou entrevistas: “A morte é anterior a si mesma. Começa antes, muito antes. É todo um lento, suave, maravilhoso processo. O sujeito já começou a morrer e não sabe”.

O amor e a morte eram os grandes temas de sua vida: “Morrer significa, em última análise, um pouco de vocação. Há vivos tão pouco militantes que temos vontade de lhes enviar coroas ou de lhes atirar na cara a última pá de cal. Esses, sim, têm a vocação da morte.” Apesar da obsessão, Nelson tinha uma enorme e visceral vocação para a vida. A última crônica que escreveu não poderia ser mais dramática, épica e comovente. Nelson estava muito doente, debilitado desde os anos 1930, quando sobreviveu a uma tuberculose. A doença no pulmão se irradiou pelo corpo e fragilizou, especialmente, o coração. Estávamos no início de dezembro de 1980. Disputavam a final do campeonato carioca o Vasco da Gama e o Fluminense,

time de coração de Nelson há 60 mil anos antes do paraíso. O médico e amigo do cronista, doutor Stand Murad, recomendou expressamente evitar qualquer emoção forte. Nelsinho Filho proibiu que o pai ligasse o radinho de pilha e prometeu relatar todos os lances com detalhes. Ambos estavam com 200 megavolts de tensão. E se o Vasco fizesse um gol? E se o Flu empatasse e virasse o jogo? E se o Vasco reverterse o resultado? Não importava, qualquer acontecimento ou placar eram perigosos. Nelsinho tremia de emoção, mas desconversava: “O Flu está bem”. A partida virou 0x0. E logo no início do segundo tempo, o zagueiro Edinho cobrou uma falta e fez o gol que daria o título ao Fluminense. Nelsinho chorou lágrimas de

esguicho, mas segurou a notícia. E se o Vasco virasse? Ufa, finalmente, o drama acabou. Contudo, havia ainda o mais difícil: como contar a Nelson sem desencadear uma violenta emoção. Com habilidade, Nelsinho declarou de maneira contida: o Fluminense era campeão. Nelson não tinha forças, mas arrancou um grito: “Preciso escrever”. Não conseguia ordenar as palavras. Resolveu ditar para Nelsinho a última crônica: “Amigos, em futebol, nunca houve uma vitória improvisada. Tem sido assim através dos tempos. Tudo começou 6 mil anos atrás. Vocês compreenderam?” A crônica foi publicada em 2 de dezembro e, 18 dias depois, Nelson morreria: “A maior dignidade da morte é física. Nunca

o homem é tão belo como quando está morto”, escreveu Nelson: “Porque tem então assegurada a eternidade, é na morte que o homem tem o seu rosto verdadeiro. Na vida, usamos máscaras sucessivas e contraditórias. Só a morte revela a nossa verdadeira face.” Em uma entrevista a Otto Lara Resende, ao ser perguntado sobre quais seriam as últimas palavras no leito de morte, Nelson respondeu: “O Marx é uma besta. Que boa besta é o Marx!” Nelson ficava indignado com o fato de o filósofo alemão nunca ter escrito nenhuma linha sobre o tema essencial. Mas Nelson partiu feliz, no êxtase do campeonato do Fluminense: “A morte é um grande despertar”, intuiu o nosso profeta do óbvio.

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



ENTRE 4 E 8 DE MARÇO, O ESPAÇO CULTURAL RENATO RUSSO DEIXA DE LADO AS GRANDES TRUPES PARA FOCAR NA POTÊNCIA DO INDIVÍDUO. SOB O TEMA **SOLOS DO PICADEIRO**, O EVENTO PROPÕE UM MERGULHO NA INTIMIDADE DO ARTISTA

Luíza Adjuto utiliza a Lira acrobática para brincar com estereótipos da feminilidade

A magia do circo diante dos olhos

» LETÍCIA MOUHAMAD

O silêncio que precede o movimento no picadeiro ganha um novo contorno na quarta edição do Arranha-Céu: Festival de Circo Atual. Entre 4 e 8 de março, o Espaço Cultural Renato Russo, na 508 Sul, deixa de lado as grandes trupes para focar na potência do indivíduo. Sob o tema “Solos do picadeiro”, o evento propõe um mergulho na intimidade do artista, provando que um único corpo é capaz de preencher toda a imensidão de uma lona — ou de um palco — com a mesma força de um elenco inteiro. Essa escolha pelo formato mais enxuto não foi apenas uma adaptação logística, mas uma oportunidade de curadoria afetiva. Julia Henning, uma das organizadoras, explica que o olhar se voltou para espetáculos de diferentes cantos do Brasil que emocionaram a equipe nos últimos anos. “Vimos muitos solos potentes e ficamos com vontade de compartilhar esse encantamento com o público de Brasília. Cada artista convidado vira, também, um parceiro do festival”, conta Julia, destacando que a programação abrange talentos de São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e do Distrito Federal.

Para Beatrice Martins, também organizadora, o espetáculo solo transforma a energia da plateia. “Tudo passa por um único corpo em cena; é ele que sustenta o tempo, o risco, o silêncio e o olhar”, observa. Essa proximidade quebra a barreira entre quem faz e quem assiste, permitindo que o público sinta a respiração do artista. Beatrice resalta que o objetivo é mostrar o circo como linguagem contemporânea. “O artista está só, mas nunca isolado: ele compartilha o olhar e convoca à troca com quem assiste”.

Memórias

Um dos exemplos mais lúdicos dessa troca é o espetáculo *A Sanfonástica Mulher-Lona*, de Livia Mattos. Diferentemente dos palcos tradicionais, a artista carrega o próprio picadeiro no corpo, vestindo uma lona iluminada enquanto toca sanfona e caminha entre as pessoas. É uma intervenção que exige proximidade máxima, funcionando como uma espécie de “menor espetáculo do mundo”. Para vivenciar a obra, o espectador precisa estar ali, colado ao movimento, transformando o espaço público em um encontro de memórias e sons.

Tiago Lima



Livia Mattos em *A Sanfonástica Mulher-Lona*

No palco, a diversidade de temas mostra que o circo atual vai muito além da excelência em habilidades físicas. O festival traz espetáculos como *Faminta*, de Natasha Jascalevich, e *Sobretudo*, de Emerson Noise, que exploram desde a liberdade feminina até a poesia da solidão. Já em *Dita Cuija*, a brasileira radicada na Europa Luíza Adjuto utiliza a lira acrobática para brincar com estereótipos da feminilidade. Para ela, o circo é um meio de subverter a realidade. “O estereótipo se torna não uma mentira, mas uma verdade incompleta que a gente desconstrói em cena”, pontua a artista.

Luíza, que começou sua trajetória na dança e hoje circula por picadeiros do mundo, vê no festival uma chance de apresentar um circo que desafia expectativas. “É importante mostrar para além do que o espectador espera. O fazer artístico do circo é itinerante, então é muito bom poder girar os diferentes fazeres artísticos”, diz ela, que também ministrará uma oficina de lira acrobática focada na integração total do corpo. Sua proposta é que os participantes sintam a potência do voo, unindo técnica e subjetividade.

Liderança e criação

A presença feminina é o fio condutor que amarra toda a estrutura do Arranha-Céu, idealizado pelo coletivo brasileiro Instrumento de Ver, com recursos do Fundo de Apoio à Cultura (FAC-DF) e apoio da Secretaria de Cultura (Secec-DF). Com a culminância no Dia Internacional da Mulher, todas as atrações contam com direção feminina, refletindo um mercado onde as mulheres ocupam espaços de liderança e criação. Julia Henning destaca que as temáticas não fogem de debates necessários, como a objetificação e os desafios da mulher na cultura. “Somos realizadoras pioneiras no DF e sabemos os desafios de manter um trabalho sólido sendo mulheres”, afirma, reforçando que o cuidado com cada detalhe nasce desse olhar atento. Além das apresentações, o festival estende seu picadeiro para oficinas na Vila Telebrasil, exibições de filmes e debates no Colóquio Pilotis. É um convite para quem quer redescobrir o circo por meio de novas lentes, unindo a lembrança afetiva das lonas itinerantes de infância à vanguarda das artes cênicas. No Arranha-Céu, o lugar do circo é, antes de tudo, no corpo — e esse corpo convita Brasília para um encontro onde ninguém, de fato, está sozinho no picadeiro.

Oficinas

CRIAÇÃO E SEUS PASSOS, com Emerson Noise

O encontro propõe um espaço de investigação e experimentação, oferecendo ferramentas práticas que impulsionam os participantes no desenvolvimento de suas ideias, com exercícios e métodos para tornar o processo criativo mais acessível e estruturado. » Quando: 6/3 (sexta-feira), das 14h às 18h » Onde: Sala Marco Antônio Guimarães – Espaço Cultural Renato Russo » A partir de 16 anos.

LIRA ACROBÁTICA, com Luíza Adjuto

Focada em entendimento de postura e ativação do corpo na execução de exercícios dinâmicos. Apesar de ser voltada a todos os níveis, os participantes precisam de um contato prévio com o aparelho e fazer esquadros bem executados. Para participar, é preciso usar roupas confortáveis para prática de exercícios, de preferência que cubram bem o corpo, principalmente axila, parte de trás dos joelhos e região lombar. » Quando: 14/3 (sábado), das 14h às 18h » Onde: Espaço Cia Miragem – Vila Telebrasil » A partir de 16 anos.

COLÓQUIO PILOTIS

Artistas, criadores de espetáculos e pesquisadores da cena se reúnem para falar sobre a escrita em suas muitas possibilidades circense: a criação da dramaturgia no circo, a escrita de textos no processo criativo, a escrita dos textos que vão para a cena e outras familiaridades e estranhamentos entre procedimentos de criação da literatura e da cena. » Quando: 4/3, às 19h, on-line e gratuito. » Os ingressos para o Colóquio Pilotis e as inscrições para as oficinas, que ficam abertas até o dia do evento ou até acabarem as vagas, estão disponíveis no site do Coletivo Instrumento de Ver.